

Anno \$8.
Semestre 5.
Trimestre 3.
Folha avulsa 25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

PARA OS SUBSCRITTORES,
NÃO excedendo de 20 linhas, ..\$1.
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITTORES,
NÃO excedendo de 10 linhas, ..\$1
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

MACAU 15 DE JUNHO

Como promettemos no nosso numero anterior, voltaremos hoje a destruir algumas arguições, que tão infundada e levianamente nos faz um correspondente do *Echo do Povo* a respeito do desejo que mostramos pela realisação de uma companhia, organizada nesta cidade com o fim de comprar navios para serem empregados no serviço dos fretamentos.

A boa vontade, com que forcejamos por esclarecer os negocios desta terra, desde os pontos mais salientes até os mais miudos, não nos pôde ser reprovada pelos homens que pensam e sentem ao menos um pouco.

Dar esclarecimentos, indicar bases para a fundação da companhia, não era nem um projecto para a organização da mesma companhia, era tão sómente um trabalho, destinado a auxiliar os negociantes, que precisassem disso, na elaboração de seus projectos, e ainda na discussão destes, que era de esperar que tivesse logar em reunião geral.

Este era o nosso pensamento; era o sentido genuíno, era o que com lealdade se devia ter deduzido do nosso artigo, mas desgraçadamente os inimigos da ordem e da união, parece que só por má intenção, trataram de transtornar tudo. Temos, porém, a consciencia de que os homens ilustrados pensam como nós, e reconhecem a utilidade da maior somma de esclarecimentos, dados pela imprensa a respeito de todo e qualquer melhoramento; e por isso não imaginem que possamos deixar o nosso caminho para entrar em um campo, onde tudo é erro e confusão.

O correspondente diz em uma parte que o nosso jornal exerceu tão magico ascendente sobre os animos, que os fez mudar do proposito começado, e diz em outra parte que o jornal produz desconfinças. (!!!)

Se o jornal produz desconfinças, é certo que não pôde operar mudanças em ninguém.

Vejam os nossos leitores, e admirem este modelo epistolar!

Olhe, sr. correspondente, V. Sa., assim acalorado e afflicto, ha de por força confundir-se em tudo o que disser; socegue o espirito, tranquillise-se, não vá para a lua, nós lhe vamos mostrar d'onde partem as difficuldades que ha em se realisar a companhia, apezar de se acharem ainda alguns homens a trabalhar de boa vontade neste negocio, e terem esperanças de levarem a effeito este melhoramento.

O principio, pois, que difficulta o progresso, em que podia muito bem marchar esta colonia, não pôde ser outro senão o da maldita desunião.

Ora, se os homens, a exemplo de outras terras mais adiantadas, se unissem em sancta cruzada para tratarem dos ne-

gocios desta terra, não lucrariam mais do que assim divididos e cheios de uma louca vaidade? Não seriam de tal modo mais bem conceituados, e não se lhes acabaria essa inquietação de espirito, em que por ahi os vemos andar continuamente?

Mas o que nós realmente deploramos é que, havendo algum d'entre elles, que, compenetrado da necessidade da união, convide os demais a associarem-se consigo para qualquer empreendimento util, outros fiquem logo a desconfiar delle, dizendo fatuamente: "Este convite é talvez para nos enganar!" E ahi ficam em guarda com o homem, que se propunha com o primeiro empreendimento a estabelecer os fundamentos da prosperidade desta terra.

Mas porque é que desconfiam de qualquer convite? Será porque se não conformam com as condições apresentadas? Pois então sejam francos, reunam-se todos, e discutam sobre o que mais convem fazer-se, e não fuja cada um para seu lado com um mal entendido receio, porque não é assim que se chega a um accordo, e que se realisam as obras uteis.

Nós estamos conscios de que estes são os meios, que se devem empregar para se procurar o fim que buscamos todas as sociedades bem organisadas; mas se acaso ha quem pense d'outro modo, apresente-nos com franqueza e em bons termos a sua opinião, que nós a receberemos com cortezia, e entraremos na discussão.

Mas voltando outra vez a tratar da *companhia de navios*, que é o objecto principal deste artigo, continuaremos a dizer ao sr. correspondente do *Echo* que um dos meios empregados contra a realisação desta companhia, e que não partiu da imprensa de Macau, nem podia partir de um orgão que tanto tem forcejado para se levar a effeito este melhoramento, —foi o boato, que para ahi espalharam adrede, de que tinham partido da Allemanha 150 navios para a China, a fim de serem empregados no serviço dos fretamentos.

Ora veja o correspondente que coisas se inventam contra o progresso desta terra! Que falsissima noticia esta! Pois como seria acreditavel que com a guerra, que vae cada vez tomando um maior vulto naquelles estados, podessem d'ali sahir 150 navios para a China? Isto, contudo, fez trepidar um pouco os incautos, e até certo ponto obrigou-os a descreer da utilidade da companhia.

E o que é mais é que por occasião de se fazer correr essa noticia, duas casas commerciaes allemaes estabelecidas na vizinha colonia de Hong-kong, communicaram para aqui que estavam promptas a tomar accões da *companhia de navios*, quando o respectivo agente reunisse as condições, que nós achamos justo que se lhe exigissem. E estas duas casas estão

bem ao facto dos negocios do seu paiz, pela activa correspondencia que com elle sustentam, e não lhes constava de lá, nem lhes podia constar porque era falso, que viessem os taes navios para a China.

Como tornamos agora a fallar do agente da companhia, sobre o qual desejava o tal sr. correspondente do *Echo* que nunca tivéssemos fallado, sempre lhe diremos que seria uma falta indisculpavel da nossa parte deixar de tratar das condições mais transcendentas da companhia, que eram as que devia reunir o agente, a quem a sociedade devia entregar a chave de todos os negocios.

O correspondente admirou-se de que nos tivéssemos mettido neste negocio, dizendo em tom de palhaço que nos metíamos em tudo! Ora essa! A um dito d'esses nem se responde, porque um tal dito revela a ausencia completa do senso commum. Pois não é do nosso programma tratar de todos os negocios desta terra? Pois, votado este jornal a advogar os interesses desta colonia, não tem o rigoroso dever de tratar desses interesses?

Ahi está a razão por que nós muitas vezes não respondemos a um ou outro correspondente do *Echo*. Ha certas coisas entre estes senhores, que nunca ninguém usou na imprensa, porque ao mesmo tempo que parecem innocencias infantis ou fatuidades, descobre-se nellas um certo rancor sem causa conhecida, que em verdade se torna nojent e repugnante.

Não nos queremos demorar nestes pontos, e mesmo se os tocamos de passagem, é sómente para mostrar o motivo de não respondermos a certas coisas, pois na realidade se não pôde dar a consideração de uma resposta áquillo que a não merecer.

Fique, porém, sabendo o sr. correspondente do *Echo* e todos os seus collegas que seria muito para rir, se com os seus estenderetes nos fizessem mudar do nosso proposito, ou arredar mesmo um só passo que fosse da praxe jornalística.

A imprensa livre emite a sua opinião sobre os actos publicos, e não é licito estranhar-lhe esse procedimento, como tão inconsideradamente fez o sr. correspondente, mas o que é licito é discutir, e isso é que elle não fez. Apparece com uma alluvia de pensamentos encontrados, que se recente de uma animosidade contra alguém, e volta á questão exotica sobre quem foi o primeiro ou o segundo a fallar da *companhia de navios*, nem que nós nos importássemos com isso para coisa alguma!

O sr. correspondente trabalha para ganhar a corôa de prioridade, ou para fazer algum serviço a Macau?

Se é só para alcançar a corôa, Macau que lh'o agradeça; se é, porém, para fazer algum serviço a esta terra, então é preciso deixar as frioleiras com que se

costuma entreter, e empregar o seu tempo em coisas de alguma utilidade geral.

E não nos venha dizer que lhe damos conselhos em tom pedagogico, porque o nosso dever é explorar o nosso campo e o contrario.

É tambem muito engraçado dizer o correspondente que o publico tivera conhecimento de um projecto *correcto e preparado* para a formação da companhia.

Quando se fallou nisso? Parece-nos que foi só agora S.Sa., quando fallou tambem da união que o *Echo tem apostolado*. (!!!)

Diz o mesmo nervoso senhor que o *nosso jornal exerce um mau influço em questões que se referem a esta terra, e por isso torna-se digno de occupar-se delle*.

Outras cousas lá as temos ido entendendo, com mais ou menos custo, mas esta não a podemos comprehender.

Se o correspondente quer dizer que, exercendo o nosso jornal um mau influço sobre as questões referidas a esta terra, se torna por isso digno de tratar dessas questões, caso é este que nos faz pasmar de veras.

Não admira, pois, que a mesma cabeça que assim discorre, se lembresse de que o nosso jornal havia causado desconfianças, quando fallou da companhia. Estas desconfianças é que nós não podemos saber quaes sejam, e desejáramos que o sr. correspondente nol-as explicasse, mas de modo que se podesse entender.

A respeito dos *patriotas*, de quem falla o correspondente, não queremos agora occupar-nos delles, porque talvez bem breve tenhamos occasião de tratar deste assumpto exclusivamente.

Quanto aos negocios da companhia, todos acham mais conveniente que, em vez de serem manejados por uma commissão directora, composta de diversos membros, sejam antes dirigidos por um agente. Deste modo é obvio que o agente precisa de reunir condições com que possa elle só substituir satisfatoriamente um corpo colectivo. Este foi e é o nosso pensamento, mas se ha alguma coisa em contrario, que convenha mais á companhia, apresentem-n'a francamente, para vermos por meio da discussão se a devemos preferir ou não.

Entretanto vamos explicar a conveniencia das trez condições principaes, que, em outro numero deste jornal, dissemos que deviam concorrer no agente.

Em primeiro lugar dissemos que o agente devia merecer inteira confiança de toda a associação. E isto deve ser bem necessario, pois que se não merecesse confiança á associação, seria um absurdo entregar-lhe o manejo dos negocios, para depois andarem todos com receios e suspeitas. Já vê, pois, o correspondente a necessidade desta condição.

Em segundo lugar dissemos que o agente devia ter a maior somma possivel de conhecimentos mercantis. Está claro que a primeira condição era uma conveniencia que o agente podesse reunir esta, não só para bem saber manejar os fundos da associação, mas para saber effectuar qualquer negocio util, aproveitando com acerto os navios destinados aos fretamentos, ou em retorno, ou em qualquer situação favoravel. Alem disso os conhecimentos mercantis, obtidos pelos acrisolados estudos, pela pratica de especulações, e por longos trabalhos e fadigas emfim, habilitam sempre quem os

possue a tirar muito melhor resultado dos negocios do que aquelle que os não tem.

Em terceiro lugar, finalmente, achamos tambem uma conveniencia que ás duas condições que acabamos de explicar, o agente reunisse ainda o ter dado documentos de que é uma firma respeitavel e ter o seu credito garantido em boas casas commerciaes. Quer dizer que se possa inferir dos factos anteriores da vida commercial deste agente que boas casas commerciaes respeitam a honradez e probidade de sua firma, e deste modo não tenham duvida nenhuma de lhe confiar fretes de todo o valor, e o agente, avançando-se assim sobre qualquer outro, possa dest'arte assegurar a mais ampla esphera de interesses á companhia. Demais, sendo preciso que o agente tenha sempre promptas e exactas noticias dos diferentes mercados, a fim de enviar os navios onde os maiores lucros os convidarem, é certo que, estando elle em boas relações com as casas commerciaes, se lhe deve tornar facil a consecução deste *desideratum*, ao passo que sem essas relações havia de muitas vezes perder os bons interesses, para pouco ou nada lucrar, por não enviar os navios aos pontos mais convenientes. Assim o entenderam alguns chinas abastados e outros estrangeiros, que louvaram muito a ideia da formação da companhia, e que se promptificaram a tomar acções, uma vez que o agente reunisse as condições enunciadas, e até indigitaram logo um dos negociantes de Macau para este cargo, pelo julgarem digno de manejar os negocios com vantagem para a companhia a todos os respeitos.

Ora, se esta associação é organizada com o fim de tirar o maior interesse licito que seja possivel de seus capitães, e sendo possivel conseguir-se d'entre os negociantes de Macau um agente, que reúna aquellas condições, para assegurar á companhia esse maior interesse a que nos referimos, que base terá o sr. correspondente do *Echo* para desdenhar desta verdade?

Mas o que realmente se tornou de uma graça original foi dizer o correspondente que o nosso jornal havia *errado*, quando depois de tratar das condições do agente, disse que era justo que este tivesse uma remuneração de uns tantos por cento, tirados dos interesses liquidos que se obtivessem.

Pois se todos concordam que o agente deve ser remunerado, como é que o correspondente estranha que, fallando nós tão largamente a respeito da companhia, tivéssemos tambem fallado dessa remuneração? Quando nós pediamos que se exigissem tão boas condições ao agente, para ser sobrecarregado com uma grande responsabilidade, como queria o correspondente que não fossemos justos em fallar tambem dos seus interesses? Pois não vê que era uma lacuna, que podia ser tomada em mau sentido.

O correspondente não gostou de ouvir fallar dos justos interesses do agente, porque está talvez bem longe de o ser, quando não havia de gostar de ouvir fallar delles, e até de lá nos agradeceria a lembrança. Pois nós não somos dessa opinião, meu senhor: zelamos os nossos interesses, mas tambem temos em muita consideração os justos interesses dos mais.

E não lhe vá parecer estranho tambem o desdem com que acabamos de fallar-lhe, porque o homem que, vendo-nos tratar de todas as especialidades da companhia, veiu *embirrar* connosco por dizermos que achavamos justa a remuneração do agente, é um homem a quem é difficil responder-se-lhe, porque tem coisas que se não entendem. Ora vejam os nossos leitores como o homem se exprime para nada significar talvez.

Quasi no fim do artigo, diz elle que o *pensamento do auctor do projecto é muito mais desinteressado do que nós pensamos* (nem que lhe tivéssemos dito que pensaríamos alguma coisa acerca do desinteresse do tal pensamento)—*qual o de promover todos os meios possiveis de utilidade ao paiz, embora seja tenuo o lucro para os especuladores, visto que do contrario pouco ou nada ganhará Macau*.

Ora vejam se podem entender essa algaravia. E, se lhe nao respondermos, hade dizer este homem que o motivo é por não podermos competir com a sua *illustração*!!!

Podíamos dar aqui uma severa lição ao sr. correspondente, mas não queremos, porque somos modestos e bastante tolerantes, como sobejamente lhe temos provado.

Ficaremos hoje por aqui, e note o correspondente que, se lhe respondermos tão detidamente, é porque o assumpto interessa a esta terra, quando não a nossa resposta ás suas tricas seria o silencio e nada mais.

O *illustrado* sr. A. A. apparece outra vez no *Echo*, mas agora traz um barrete na cabeça que lhe cobre até as orelhas, e diz ou dá a entender que lhe fora talhado pelo *Ta-ssi-yang-kuo*.

Apressámo-nos, pois, a declarar ao publico que lhe não talleamos semelhante barrete, e que tambem nos não importamos que o tal senhor engendre barretes como quizer.

Nós conhecemos a missão do padre, e por isso respeitamos o homem que, dedicando-se a ella, a sabe cumprir. Revoltar-nos-hia, porém, o sr. A. A., se, sendo padre, viesse commetter indignidades á imprensa, em desprezo da religião sancta de Christo e do jornalismo, pois que a linguagem que usa connosco é uma linguagem de um verdadeiro aggressor. Como se ha de, pois, argumentar com um homem destes! Desgraçada da religião, se os seus ministros descessem á execração de irem á praça publica, levando a pobre imprensa consigo, para voçiferarem improperios, como costuma fazer esse *illustrado fazedor* de missivas satyricas.

Por este principio, pois, pôde o sr. A. A. provar-nos que não é padre, pois não é crível que um padre se occupasse de injurias tão monstrosas, assim como tambem não devia ser licito que o *Echo do Povo*, que se inculca como jornal religioso, cahisse no desaire de as publicar.

Quanto ao sr. M. M., que, em seguimento ao sr. A. A., volta á utopia do molhe da sua curvatura, estabelecendo-lhe agora *uma entrada pelo sul, e uma abertura para oeste*, vem este senhor promover novamente o riso em Macau, como se não bastassem as gargalhadas, que por ali da outra vez vimos dar á sua custa.

Este senhor, sem destruir coisa alguma do que já lhe dissemos, faz outras coisas do arco da velha, aumentando o seu *illustrado* pensamento com *uma entrada pelo sul* (deve ser talvez ahí pela travessa da Palan-chica, não é assim!) e com *uma abertura para oeste*, e envolve maliciosamente a camara municipal de 1861 e 1863 neste negocio, *atirando para dentro do molhe* com nomes de pessoas estranhas a esta questão, pois todos sabem que não houve ainda camara em Macau que informasse o sr. deputado de que era necessario que se fizesse um molhe no rio de Macau.

Não nos venha convidar para jogar o jogo dos disparates, e já que se inculca por expertinho, *metta a mão na sua consciencia*, e discorra depois sobre quem podia ter dado informações a respeito do molhe e de suas *entradas e aberturas*.

De modo que este homem, chamando-nos insolentes e ignorantes, e dirigindo-nos toda a qualidade de insultos que quiz (só faltou chamar-nos piratas) en-

tenden que provava assim a possibilidade de se levar a effeito um molhe no rio de Macau, com taqto que tivesse uma entrada e uma abertura, imaginadas lá por elle, porque só uma cabeça como a delle as podia imaginar.

Quizeramos discutir com seriedade, mas com gente desta, que tudo embrulha e transtorna, escusado é cançar-nos; não podemos senão lembrar-lhe outra vez o que disse a velha quando viu cair a torre de Babel.

JAPÃO.

CHEGAM a 25 de maio os jornaes que recebemos de Kanagawa. O estado de crise ainda existe, conservando-se Sir. R. Alcock, ministro de S. M. B. firme em seus planos. S. Exa. voltou de Yedo para Yokohama no dia 17 de maio. S. Exa. o ministro francez foi tambem a Yedo, no dia 20, ter uma conferencia com o Gorojio, voltando no dia 22. A esquadra ingleza permanece na bahia de Kanagawa, bem como dois navios de guerra hollandezes e um francez. Tinha chegado o vapor de guerra inglez *Pelorus*, e esperava-se a todas as horas o vapor *Conqueror*. A epidemia de bexigas malignas, que ultimamente tem existido nos navios de guerra inglezes, começa a desaparecer, tornando-se mais satisfatorio o estado sanitario das guarnições dos navios.

Os homens de duas espadas apresentam-se arrogantes, fazendo ameaças aos estrangeiros, quando os encontram nas ruas, e d'isto se recciam conflitos, dos quaes as autoridades japonezas devem ser responsáveis, porque não ignoram estas provocações quotidianas feitas a homens que vivem tranquilos, e que pacificamente passam pelas ruas e estradas.

Corria como certo, que o governo japonex recebe regularmente vertidos os artigos dos jornaes estrangeiros locais, sentindo assim muito desgosto por vèr conhecidas do publico certas noticias que desejava fossem ignoradas, e que concludo que isto provinha dos interpretes japonezes empregados pelos estrangeiros, ordenara ás autoridades da alfandega de Yokohama, para fazerem um registó destes interpretes, a fim de se tomarem as necessarias precauções. Diz-se que os actuaes empregados das casas estrangeiras já foram avisados e admoestados, e que este registó se estenderá até aos proprios criados de servir, nativos.

Um dos jornaes inglezes de Yokohama diz que *Thosiu*, com suas forças consideráveis se dispõe a marchar sobre aquelle estabelecimento, e que o governo ordenára a um Damio poderoso de Hodonogaya, o qual tem de renda annual 20,000 *Kokus* de arroz, para se oppôr á sua marcha. Esta noticia porem passava como *canard* e não era acreditada.

O que porem se verifica é um acontecimento havido ultimamente em *Nicozan*, que serve para mostrar a efferecencia que existe no interior do paiz, e a disposição de animo no partido conservador de sustentar a luta contra os estrangeiros e aquelles do seu paiz que os protegem.

Em *Nicozan*, logar que dista de Yedo cincoenta a sessenta milhas, existe um templo, onde se enterram os Taicuns da actual dynastia, desde *Isas* seu fundador. Neste templo pois está enterrado o *Goguem-Sama*, que dizem ter morrido ha cinco ou seis seculos, cuja sepultura é considerada pelo povo como um logar sagrado, sendo assim visitado annualmente por milhares de romeiros.

Conta-se agora, que um consideravel numero de Ronins, partirá haverá um mez para *Nicozan*, achando-se neste templo no dia 21 de maio—anniversario da morte de *Goguem-Sama*, misturando-se com a multidão de peregrinos que segundo o costume ali affluam.

Em tempos remotos os japonezes, nas suas guerras, apoderavam-se das imagens dos Mikados, que se depositam em *Utsu-no-mia*, para terem certa victoria nas batalhas que empreendiam; assim agora os *Ronins*, com esperanças idênticas, e porque pensam na guerra, apoderaram-se de tres imagens de Taicuns, a do celebre *Isas*, e a dos dois ultimos imperadores temporaes fallecidos.

Logo que o rapto foi sabido, o principe de Mito mandou forças para impedir a marcha dos roubadores, e recuperar as imagens, mas estas forças foram batidas e destroçadas pelos Ronins, que entraram na capital não pelas portas da cidade abertas á viação publica, mas por uma porta privada que ha ao *NO* chamada *Iwabashi*, destruindo a casa da guarda e forçando o caminão, podendo escapar, com os seus *manipangos*. Não se sabe dellas, e as portas de Sinagawa, Kanagawa, e Yokohama acham-se reforçadas, e o governo publicou uma ordem, para ser preso e severamente punido todo aquelle japonex que depois de anoitecer, andar fóra de sua casa sem lanterna accessa.

Em quanto ao estado commercial em Yokohama continua mais afrouzado, do que estava antes de apparecerem outra vez estas agitações politicas, comtudo não está tão franco e abatido como na epocha de anteriores agitações.

NOTICIAS DIVERSAS.

Legação portugueza.—Sua Exa. o Conselheiro Amaral achava-se em 20 de maio já em Tientsin, onde havia chegado com bella viagem, e devia realizar-se a troca das ratificações do tratado no dia 28. As nossas ultimas noticias são de 26; e dizem-nos que n'este dia se esperava em Tientsin o commissario chinex que fóra nomeado para a referida troca. Concluida esta missão, S. Exa. o Ministro de Portugal, e mais empregados da legação visitarão Pekim, onde só ficarão oito dias, partindo em seguida para o Japão.

Embaixada hespanhola.—Chegou a *Tientsin* no dia 26 de maio. Suppõe-se que o sr. Mas encontrará algumas difficuldades no tratado que pretende celebrar, se insistir em que se lhe conceda residencia em Pekim.

Nota-se de dia para dia nas autoridades chinas um gradual esquecimento da lição severa de 1860, e as proprias legações estrangeiras, residentes na corte do imperio china, se vêem obrigadas a transgír com as procrastinações infinitas que se apresentam.

Nomeação.—O sr. Henrique Guilherme Dent, nosso distincto consul, em Shanghai, recebeu do exmo. representante de sua magestade fidelissima, a nomeação de consul geral de Portugal na China e no Japão.

O sr. H. G. Dent é merecedor, pelos seus bons serviços, da nomeação que recebeu.

Indecencia.—Defronte da porta principal do templo de S. Lourenço, á entrada da travessa do Padre Narcizo, conserva-se continuamente um activo fétido, que incommoda os transeuntes, e o mesmo acontece á entrada da travessa do Paiva.

Dizem-nos que o que dá origem a este fétido é o uso indecente que uma alluvia de *culis* faz destes dois sitios, como se fossem quasi dois muladares!

Não faremos hoje comentarios a este facto, restringir-nos-hemos sómente a chamar sobre elle a attenção de quem competir, a fim de que sejam tomadas as precisas medidas para acabar com esta indecencia.

Occurrencias policiaes.—Desde 7 até 13 do corrente foram presos, e enviados á procuratura, 17 chinas pelos crimes de roubos, furtos e espancamentos.

No dia 8 appareceu morta uma creança china no bazar novo, a qual foi sepultada pela cabeça da rua.

Grande perda.—Os estragos que as copiosas chuvas de 6 e 7 do corrente fizeram em Hongkong, são avaliados pela imprensa ingleza d'aquella colonia, alem da consideravel perda de vidas entre a população china, em mais de meio milhão de patacas, não só nas propriedades publicas, como nas particulares.

Fallencia.—Falliu no dia 4 do corrente a casa commercial em Singapura de J. de Almeida e filhos com \$900,000.

Sentimos de todo o coração este triste acontecimento.

Parece que a quebra de outras casas commerciaes, que se achavam entrelaçadas com a firma Almeida e filhos, motivára esta fallencia; comtudo esperava-se que os créditos formassem um *meeting*, para tratarem de apurar os melhores meios de chegarem todos a um fim amigavel.

Oxalá que assim aconteça, pois era uma casa aquella, em que qualquer portuguez encontrava sempre a hospitalidade em toda a sua plenitude.

Novo baixo.—O vapor *South-Western* bateu n'uma pequena pedra de coral, na ilha de Labuan, a qual as cartas não marcam, tendo somente uma braca d'agua, collocada 30 milhas ao NNO daquela ilha em 5°54' de Lat. N, e 115°4'30" de Long. E. gr.

Piratas.—Uma esquadrilla de piratas roubou ha poucos dias dois barcos de commercio; um individuo que escapou deu parte do acontecido em Hongkong. O gunboat inglez *Grass-hopper* do commando do tenente Walker foi mandado em perseguição dos piratas.

A esquadrilla que se compunha de quarenta grandes juncos, que mais pareciam lorchas que juncos, bem armados, e cada um guarnecido com mais de cincoenta pessoas, foi encontrada pelo gunboat mui perto de Kulan.

Os piratas, vendo o vapor, fugiram para a bahia encalhando os juncos, e fugindo para terra. Apesar do vento fresco que soprava, o gunboat deixou fóra os seus escaleres com gente armada perseguindo-os, de que resultou ser morto um dos fugitivos, ficando muitos feridos. Abordou em seguida os juncos, destruindo o que pertencia ao chefe da esquadrilla, o qual tinha nove peças. Igualmentee foram destruidos mais cinco juncos. Houve uma explosão abordo d'um destes barcos, quando ainda a seu bordo estava marinhagem do gunboat, porem felizmente só um marinheiro ficou queimado d'um lado. As restantes embarcações foram abandonadas.

Curiosa estatística.—Um jornal francez conta que durante a estação do carnaval, houve em Paris diariamente 130 bailes ou 4680 durante a estação.

O termo medio de convidados é de 250 pessoas por cada baile, ou diariamente 32,500.

Cada baile custou diariamente ao dono da casa 163\$800 reis termo medio, o que dá a somma de 796,068\$000 reis.

Alugaram-se 25,000 trens para levar e buscar, a 546 reis cada trem, fazendo por dia 12,650\$000 e pelos 36 dias 455,400\$000 reis.

Cada vestido de baile, calculado a 36\$400 reis, prefaz para 16,250 senhoras, as quaes usando cada vestido 4 vezes em 36 dias dão 146,250 vestidos que importam em 5,323,500\$000 reis.

Os enfeites de cabeça de 16,250 senhoras por noite, 9,100\$000 reis e pela estação 327,600\$000 calculado a 728 reis cada enfeite em cada noite.

Oito mil pares de sapatos, calculando cada par para duas vezes fazem 11,648\$000, ou 419,320\$000.

Os ramos de flores, fitas e luvas podem calcular-se por noite e por senhora a 5\$460 reis, o que fará em 16,250 senhoras em cada um dos bailes 88,725\$600, ou um total de 3,194,100\$000 reis.

Deste modo uma epocha de carnaval, em Paris, custa ás senhoras 10,935,288\$000 reis, com 796,068\$000, que custou aos donos da casa os bailes, e com 910,000\$000 que gastaram os homens com os seus toilettes, temos um total de 12,641,356\$000 reis!!

NOTICIAS DO REINO.

Tendo fallhado a mala de Portugal, sabe-se pelas folhas inglezas de 26 de abril, que suas magestades de Portugal desistiram da sua visita á Franza, por terem reconhecido desagrado geral no paiz.

Esta viagem excitou serias apprehensões, e a imprensa se apressou a manifestar claramente, que a Magestade soube ouvir a voz da imprensa e acatar a vontade do seu povo.

A imprensa sensata é sempre a melhor e a primeira conselheira dos reis, e por isso seus alviteres foram attendidos.

A viagem d'El-Rei era impopular, alem de impolitica, e injustificavel na presente occasiao. Era impopular, porque o paiz, acostumado a vêr ha seculos os seus reis á frente dos negocios publicos, e só transporem as fronteiras de Portugal rarissimas vezes, receiava que a ausencia do chefe do estado podesse occasionar complicações e difficuldades, nos negocios internos e externos do paiz.

Recorrendo nós ás memorias e chronicas de Portugal, raro se nos deparam longas viagens, e prolongadas ausencias dos antigos monarcas portuguezes; e é de notar que todas as vezes que os reis antigos deixaram a terra sagrada da mãe patria para pisarem solo estrangeiro, ou colonial, nunca a fortuna publica acclamou a resolução d'aquelles principes, nem o povo tirou vantagens apreciáveis d'aquellas aventuras peregrinações. O povo portuguez saudava apenas como prenuncio de grandes prosperidades nacionaes a sahida d'aquelles reis heroes, que atravessando o estreito com suas armadas, iam cravar pela sua propria mão o estandarte sagrado das quinaz muralhas rotas dos allecares musulmanos, e ceifar novas palmas e novos louros, com que illustravam a sua gloria nacional. Portugal abençoava D. João I, quando ia então demandar Ceuta; victoriava Afonso, o africano, quando ia continuar na terra do seu nobilissimo cognome as tradições honradas de seus avós.

Mas viu sempre com maus olhos que seus reis deixassem Portugal, sem que a excursão fosse justificada por um novo esplendor de gloria nacional. Lastimou que um rei cavalleiro e infeliz sahisse de Lisboa para ir correr lanças de paladino nos arceas africanos, onde se empalidreceu a estrella de Portugal, seguindo-se-lhe pouco depois a sua servidão.

Mais tarde o povo estrangeiro a fuga de D. João VI, que asilando-se sob o pavilhão britânico, desamparou o reino e o deixava á invasão de estrangeiros, sem levar pesar dos soffrimtos que iam padecer seus subditos, e do sangue que iam espargir ao campo da batalha para lhe restituir o throno que elle deixara vazio na tímida precipitação do seu egoismo real.

As mesmas folhas inglezas dizem que o projecto sobre o tabaco foi approvedo na camara electiva, e que já se achava em discussão na camara hereditaria.

A camara municipal de Lisboa, tendo segurado o edificio incendiado em 60,000\$000 reis, sendo 30,000\$000 na companhia *Segurança do Porto*, e reputando a perda, occasionada pelo incendio de 19 de novembro de 1863, como total, por isso que todo o edificio foi devorado pelas chammas, ficando somente as abobadas, paredes e cantarias, por ser impossível arderem, pediu ás companhias seguradoras o valor inteiro do seguro. A companhia *Fidelidade*, recusou-se ao pagamento integral da quantia segura-

da por considerar parcial o prejuizo, abatendo uma parte correspondente ao seu valor na indemnisação. Não se chegando a um accordo, foi a questão submettida aos tribunales, tendo já sido proposta a competente acção no tribunal do commercio da primeira instancia.

NOTICIAS SCIENTIFICAS.

RELATORIO SOBRE A EPIDEMIA DE CHOLERA-MORBUS EM MACAU NO ANNO DE 1862

APRESENTADO AO CONSELHO DE SAUDE NAVAL E DO ULTRAMAR

Pelo dr. Lucio Augusto da Silva, cirurgião mór de Macau

(Continuação do numero 35.)

III

DOENÇAS REINANTES; EPIDEMIAS; ESTADO SANITARIO NO ANNO DE 1862; CHOLERA-MORBUS EM SHANG-HAI, TIEN-TSIN, TANG-CHAU, PEKIN E HONG-KONG.

As quatro estações do anno em Macau, collocando como se acha debaixo do tropico de Cancer, extremam-se mais notavelmente do que nos paizes que se approximam do equador, onde se têm estabelecido apenas duas grandes estações. Entretanto, em referencia ás doenas reinantes, consideraremos sómente as duas estações extremas do anno. Nas outras, que são por via de regra menos doentias, gradual e alternativamente se succedem os dois grupos de doenas que nas primeiras predominam.

Na estação fria o estado sanitario corre geralmente mais ou menos satisfactorio e sem duvida melhor, principalmente para os europeus, do que na do calor. Reinam então as doenas proprias do tempo, como são as bronchites, as anginas, a rhinite, o reumatismo muscular, a febre ephemera, e alguns casos de pneumonia e pleuresia. Na estação quente, mórmente quando começam a apparecer as primeiras fructas, predominam a diarrheia, a dysenteria, as febres remittentes e intermittentes, ordinariamente as do typo quotidiano, algumas vezes tomando o caracter pernicioso.

N'esta ultima estação, segundo referem os mestrinhos chins, apparecem sempre casos de cholera-morbis na sua gente, e affirmam alguns dos nossos facultativos que é raro o anno, em que não tenham a tratar na população portugueza um ou outro caso d'esta doença, ordinariamente fatal. A doença a que no paiz dá o nome de *fai-fun*, de que muitos morrem, muitas vezes não será outra cousa. Já observámos casos de cholera-morbis, perfectamente característicos, a que chamaram *fai-fun*.

É pois de erer, e tudo me leva hoje a ter esta convicção, que a cholera-morbis é uma doença epidemica em Macau, assim como em varios pontos da China, manifestando-se em certa epocha do anno, e poupando mais os individuos que vivem em condições diversas das dos chins, entre os quaes reina principalmente. Em certos annos porém, a favor de uma constituição atmosphérica excepcional, debaixo da influencia thermo-electro-hygrometrica, a doença toma tal desenvolvimento que constitue uma endemio-epidemia. A sua duração é pequena. Parece que ella amortece e acaba com o incidente que promoveu o seu desenvolvimento. A continuação da nossa residencia n'esta localidade nos dá occasião de verificar o que acabámos de expor. Não querendo porém anticipar-nos, denominámos epidemica a manifestação da doença de que tratamos 1.

Alem da cholera-morbis, outras doenas têm apparecido em Macau em varias epochas debaixo da

1 Em 1863 novamente grassou a cholera-morbis em Macau. Os mestrinhos chins commenicaram 291 casos desde 15 de junho a 9 de julho, não sabendo dizer o numero dos fallecidos, e de 16 de julho a 31 de agosto, em que deram por terminada a epidemia na sua gente, 390 atacados, dos quaes 174 fallecidos. Alem destes, foram tratados 1 chm no hospital da misericórdia, outro n'uma casa de familia portugueza, 3 no hospital militar, 27 no asylo dos pobres, e 8 foram atacados abordo da galera *Wesford-Ho* que estava para sahir com colonos chins.

Na população não chineza houve 5 casos em junho, 5 em julho, 5 em agosto e 2 em setembro, tendo apparecido o primeiro em 4 de junho e o ultimo em 15 de setembro. Destes 17 atacados, 6 eram naturaes de Macau, 4 malaios, 3 europeus, 3 pretos, e 1 natural de Timor

fórma epidemica, taes são o sarampo e as bexigas, que tomam maior incremento e duram mais tempo. Mas ordinariamente as epidemias de sarampo são benignas.

Numerosas causas, algumas das quaes deixámos já indicadas, explicam estas manifestações epidemicas, que não deixaram grandes intervallos no seu apparecimento, e ceifaram algumas vidas. Estas causas crecem todos os dias e se multiplicam entre os chins, que desconhecem a importancia dos preceitos da hygiene, e que vão a pouco e pouco invadindo a parte da cidade occupada pelos portuguezes, estabelecendo ao redor de si todas as condições de insalubridade que lhes são inherentes.

(Continúa.)

CORRESPONDENCIA.

Sr. REDACTOR.

Em cumprimento do que disse na minha correspondencia passada, não me tenho desculpado de andar activamente a indagar o negocio do Cofre dos Pobres. Soube já que ur. tal Marcos da Luz, que figura na conta apresentada pelos Srs. Sanctos Padres—o Sr. Cura da Sé, e os Srs. Vigários de S. Lourenço e Sto. Antonio—era um homem empregado na egreja da Sé, como varredor ou o quer que seja, e que os Srs. Sanctos Padres lhe davam a remuneração deste serviço, tirada do Cofre dos Pobresinhoz nossos irmãos.

Não acho isto justo, Sr. Redactor, e perdoo-me os Srs. Sanctos Padres, pois a remuneração que se deve a Marcos da Luz pelo serviço que faz na egreja, lá ha outro cofre para lha dar, e a meu entender não deve ser tirada do Cofre dos Pobres, Cofre destinado sómente a largar a esmola á triste pobreza, que por qualquer motivo justificado, não póde ganhar o bocado de pão de cada dia.

Eu choro, Sr. Redactor, com bastante amargura, quando se tira o bocado de pão que as boas almas deixaram para a pobreza.

Dens toque o coração dos Srs. Sanctos Padres, para que evitem esta desgraça, que eu continuarei nas minhas indagações com toda a actividade, para voltar á imprensa sempre que alguma coisa saiba, que a isso diga respeito.

Sou De V. etc., A. F.

Macau, 15 de junho de 1864.

ANNUNCIOS.

CORREIO MARITIMO.

A MALA para a Europa e India, por um dos vapores da Companhia Peninsular e Oriental, fechar-se-ha n'esta administração no Domingo 26 do corrente, ás 3 horas da tarde.

JOSÉ DA SILVA, Administrador Interino.

Correio Maritimo, Macau 15 de Junho de 1864.

PARA VENDA.

VINHO Xerez de superior qualidade de Cadiz em quartellos.

Do. engarrado em caixas d'uma duzia.
Do. amontillado do. do.
Do. e Porto em do. de 3 duzias.
Clarete superior em caixas d'uma duzia.
Brandy do. do. do.
Cerveja e Porter engarrado em barricas de 4 duzias.

Dirija-se a FRANCISCO MARÇAL, No. 33. Ponta da Rede.

Macau 21 d'Abril de 1864.

O ABAIXO ASSIGNADO annuncia ao publico que, tendo dado maior desenvolvimento ás suas Officinas, acha-se agora ainda mais habilitado para se encarregar de todo o genero de trabalhos typographicos, executados com presteza e nitidez, por preços muito razoaveis.

J. DA SILVA.

NA Casa N.º 31, Tarrateiro, vende-se Vinho Branco e Tinto da melhor qualidade em garrafas. Macau 7 de Outubro de 1863.

NOVA ESCOLA MACAENSE.

SERÃO admittidos gratuitamente, nesta Escola, seis vinte alumnos que se não achem em circumstancias de pagar as suas quotas mensaes, devendo ter já algum conhecimento de primeiras letras.

As pessoas a quem o presente aviso interessar, poderão dirigir-se á Commissão Directora da Escola. Macao 20 de Fevereiro de 1864.

A. MARQUES PEREIRA, Secretario.

ESTADO DO MERCADO.

CHA.—Os contractos ultimamente feitos com chá da melhor qualidade são, 1,188 meias caixas de Congou, e 500 meias caixas e 1,500 caixas de Souchoing. As vendas no mercado foram de 2,500 meias caixas de Ty-sans commum a 12 e 15 taes.

SEDA EM RAMA.—Chegaram apenas 15 picos de seda nova, No. 1 de Kowkong, que foi julgada de inferior qualidade, mas que ainda assim se vendeu, para a India, a \$300 e 304.

CANELA.—Venderam-se 1,200 picos, sendo 700 da nova colheita, entre \$15.25 e 15.50 em caixas, e a \$15.15 em amarrados. Não ha nenhuma, porem espera-se bastante da nova colheita, ainda que se desconfia que será levada para Cautão, onde apparecem pedidos, e melhor offerta.

FLOR DE CANELA.—Venderam-se 5 picos a \$58. Não ha.

OLHO DE CANELA.—Nenhuma venda. Ha pouco, e é offerecido a \$210.

OLHO DE ABE.—Venderam-se 20 picos a \$148 e 149. Existem 40 picos, e pedem a \$150.

ESTRELLA DE ABE.—Venderam-se 100 picos a \$18. Existem 300 picos.

RAIZ DE GALANGAL.—Venderam-se 1,000 picos a \$2.40 e 2.50. Existem 3,000 picos.

GALHA.—Venderam-se 50 picos a \$13. Não ha.

GALHA DA CHINA.—Poucas vendas a \$12.50.

CONSERVA DE GENGIBRE.—Vale a optima \$2.90.

VERMELHO.—Venda para a India a \$39.

ARRECAL.—Venderam-se 1,500 picos do branco, do No. 1 e \$8; No. 2 a \$7.40; e No. 3 a \$6.00. Existem 2,000 picos. Do trigoeiro venderam-se 500 picos a \$4.80 e 5. Existem 1,500 picos.

FOLHA DE OIRO.—De 100 toques a \$22.70 por tael.

FOLHA DA CHINA.—Vendas a \$29.

ALGODÃO.—Vendem-se o de Shanghai a \$28; e o de Niogpó a \$29.

PIRETA PRETA.—Vale \$6.80 e 7.

CALLEM DOS ESTREITOS.—Tem havido vendas entre os chins, de 300 picos, a \$29 e 29.50 cada picao.

ARROZ.—Subiram os preços em todas as qualidades 20 a 25 avos, devido não só ás abundancias chinvas, mas nas grandes pedidos na costa de oeste, e em Shanghai, Bengala, não ha preço nominal \$2.70 e 3. Saigon, venderam-se 2,000 picos a \$2.50, não ha, e vale hoje 2.85. Siam, venderam-se 2,000 picos de Koumpat a \$2.80, não ha. Pangasinan, venderam-se 5,000 picos e \$2.63 e 2.80, não ha. Manila venderam-se 5,000 picos, de optima qualidade, e \$2.91 e 2.95. Arracan, e Rangoon, venderam-se 2,000 picos a \$2.72, não ha.

EVILHAS DE SINAP.—Amarella, \$2.30; branca, \$2.40; verde \$3.

OIRO.—Algun movimento, mas nenhuma transação de vulto. Patna \$510. Benares \$500.

MOVIMENTO DO PORTO.

Desde 9 a 16 de Junho.

ENTRADAS.

Junho 9.—Brigue hespanhol *Salvo*—Capitão, A. Sarabe—138 toneladas—de Sual, com arroz.
" 9.—Barca escura prusiense *Der Fuels*—Capitão, A. Fuels—380 toneladas—de Pinang, com arroz, e gnanio.
" 9.—Barca portugueza *Son-Li*—Capitão, M. de S. Victal—246 toneladas—de Pinang, com arroz.
" 11.—Barca hollandeza *Justina*—Capitão, Evenwel—250 toneladas—de Samrang, com arroz.
" 14.—Galera ingleza *Queen of India*—Capitão, H. B. Thomton—657 toneladas—de Bassein, com arroz.
" 14.—Brigue hamburguez *Superb*—Capitão, H. van Appen—208 toneladas—de Saigon, com arroz.

SAHIDAS.

Junho 9.—Gunboat de guerra inglez *Grasshopper*.
" 11.—Barca dinamarqueza *Boy Bendicran*—Capitão, Matthalissen—365 toneladas—para Samarang, com cha.
" 11.—Galera ingleza *Thames Blythe*—Capitão, W. F. Hart—389 toneladas—para Falmouth, com canela e cha.
" 13.—Corveta de guerra americana *Jones Town*—Commandante Mr. Price.

NAVIOS MERCANTES SURTOS EM MACAU EM 16 DE JUNHO.

ENTRADA	APARELHO	NAÇÃO	NOME	CAPITÃO	TON.	PROCEDENCIA	CONSIGNATARIO	ANCORADORO	DESTINO	OBSERVAÇÕES
Junho 25	Barca	Portugueza	Tremelga	G. Marques	371	Singapura	L. Marques	Rio		À carga
Janeiro 3	Barca	Portugueza	Elisa		219	Tai-hu-san	M. A. da Ponte	Rio		À venda
Junho 2	Galera	Portugueza	D. Maria Pia	Antonio Fulle	774	Callão de Lima	M. A. da Ponte	Rio		À carga
" 5	Barca	Bremien	Auguste & Moline	J. N. v. Harten	314	Kamput	Siemssen & Ca.	Rada		
" 5	Barca Escura	Ramburqueza	Tai-lee	de Wulff	270	Saigon	A. A. de Mello & Ca.	Rio		Descarregando
" 5	Brigue	Hespanhol	Velho Lepanto	Selino Tayac	120	Sual	M. A. dos Remedios	Rio		Descarregando
" 5	Brigue	Hespanhol	Nuevo Lepanto	J. F. Barasorda	203	Manilla	B. E. Carneiro	Rio		Descarregando
" 8	Barca	Hespanhola	Puris. Conception	J. Mandragon	187	Manilla	B. E. Carneiro	Rio		
" 8	Escura	Hespanhola	Ave Maria	A. N. Reys	91	Manilla	B. E. Carneiro	Rio		
" 9	Brigue	Hespanhol	Salve	A. Sarrabe	138	Sual	B. A. Pereira	Rio		
" 9	Barca Escura	Prusiense	Der Fuks	A. Fuks	380	Sual	B. A. Pereira	Rio		
" 9	Barca	Portugueza	Sun-li	M. de S. Victal	246	Pinang	B. E. Carneiro	Rio		
" 11	Barca	Hollandeza	Justina	Evenwel	295	Samarang	J. F. C. & Ca.	Rio		
" 14	Galera	Ingleza	Queen of India	H. B. Thomton	657	Bassein	A. A. de Mello & Ca.	Rio		
" 14	Brigue	Hamburguez	Superb	H. van Appen	208	Saigon	B. E. Carneiro	Rio		